

LUÍS CRUZ

Alegoria: acto de destruição e de vida, uma vinda da outra e a outra determinada por aquela, o fogo-destruição é acto criativo de vida. As chamas, a forma dinâmica que aponta o estático do calcinado; a porta de passagem sem retorno. Com o fogo vai-se; não se retorna. O retorno com o fogo implica uma viagem diversa, sem retorno essa também.

Então, homenagem ao fogo em materiais que lhe são refractários. Homenagem às chamas numa forma estática que as nega. Simbolize-se a passagem do que não tem retorno. De tudo fique o símbolo do que foi calcinado.

As esculturas de Luís Cruz levantam-se elegantes e contraditórias, mas firmes e afirmativas. O negro

unifica-as e semiesconde as diferenças. Ora brilho do polimento ora textura do material que se apresenta como desejaria ser; blocos serrados justapostos que se irmanam nas suas concordâncias; contrastes e diferenças que se integram no conjunto formal...

Aqui, os deuses são a matéria e as formas, e a homenagem ergue-se para a natureza rigidamente parada no tempo. Em plena planície desértica, calcinada de branco pelo sol e pelo sal, estas formas poderiam ser o sinal negro de todas as miragens coloridas.

Esculturas sinais, leves e não negando o peso da sua cor e o seu evidente peso específico.

Esculturas sinais algum tempo em

busca das formas que se pretendem libertar das formas impostas.

Luís Cruz situa-se num tempo em que a pedra se trabalha desta maneira. Mas Luís Cruz, a esta maneira de fazer acrescentar algo da sua maneira de sentir. Optando pelo negro, sugere a mentira da pedra posta madeira queimada, mas deixa a pedra como ela foi e torna-a como ele a deseja que seja.

E a mentira fica insinuação. E o lirismo fica contido.

A imagética, que o escultor nos dá, já faz parte do nosso tempo. É maneira de falar entendível e que comporta a sintaxe inovadora necessária ao anúncio dum discurso inovador.

Porfirio Alves Pires

